

O Cinema Obsceno em Conflito: a história diante das fontes de pornografia e erotismo

Ébano Nunes¹

Resumo: Trata-se de uma tarefa quase inexecutável abordar o gênero pornográfico, sobre qualquer aspecto, sem que sejam levantadas polêmicas e contendas. A pornografia, de uma maneira geral, provoca debates acalorados nos diversos setores da sociedade. Seja entre a classe intelectual, artística e os chamados indivíduos comuns, o tema permanece num posto de certo incômodo. Se o cinema é uma representação de uma realidade que engloba a sociedade, como aponta Marc Ferro, não seria o cinema pornográfico uma projeção dos tabus e fantasias veladas que mantemos sobre a imaginação e realização do sexo? Por que razão, então, o pornô é passível de rejeição? Para tais questionamentos podemos perceber que o gênero pornográfico relaciona-se com questões muito mais complexas que aquelas difundidas e defendidas pelos “encarregados” da sociedade. O pornô toca em valores muito mais profundamente enraizados na sociedade. Atinge diretamente os proclamados captadores da moral, da ética e outros fortes valores sociais.

Palavras-Chave: pornografia, erotismo, cinema, fontes históricas.

Abstract: This is an almost unattainable task to deal with the pornographic genre, on any aspect without being raised some controversy and conflicts. Pornography - as a general concept - causes strong debates in many sectors of society. For the intellectual class, artists and the so-called common people, the issue remains a somewhat uncomfortable position. If the film is a depiction of a reality that refers to society, as pointed Marc Ferro, isn't the pornographic cinema a projection of taboos and veiled fantasies we hold about imagination and practice sex? Why, then, porn is subject to such rejection? To these questions we can see that the pornographic genre relates to more complex questions than those disseminated and defended by the "charged ones" of society. Porn deals with values deeply rooted in society; it speaks straight to the proclaimed defenders of morality, ethics and other strong social values.

Keywords: pornography, eroticism, cinema, historical sources

Artigo recebido em 15/06/2014 e aprovado em 02/07/2014.

O CINEMA OBSCENO EM CONFLITO:
A HISTÓRIA DIANTE DAS FONTES DE PORNOGRAFIA E EROTISMO

ÉBANO NUNES

Historicamente e num modo sempre peculiar, a sexualidade tem presença massiva em diversos aspectos de nossa cultura. Mesmo que ainda seja apresentada muito mais por sugestão que por exposição, ela pode ser sentida na publicidade, na moda, no humor, na estética e em tantas outras facetas da sociedade. Sendo essa abordagem da sexualidade bastante vaga e indireta, a pornografia acaba por se tornar a reprodução das fantasias e o “oráculo” das curiosidades acerca das práticas sexuais veladas pelos valores sociais e seus tabus. Tais dúvidas são certamente predecessoras dos filmes pornográficos e da pornografia.

Pode-se verificar esse impacto histórico do pornô através de Nuno César Abreu:

Uma discussão sobre pornografia pode ganhar em consistência se for tratada como um item da história social, o que implica por um lado, situá-la como fenômeno psicológico (que pode ser entendido como impulso primal ou como sintoma de deformação) e, por outro, distinguir a produção e o consumo de material pornográfico como modalidades crescentes no mercado de bens culturais. A ampliação do espaço ocupado pela comercialização do obsceno não aconteceria sem a contrapartida do consumo, se não respondesse a uma “necessidade” do consumidor. Não se pode imputar apenas à engrenagem industrial a imposição de seus produtos.^{II}

Sendo assim, é possível perceber e compreender que a pornografia não é tão dissonante em relação à sociedade e seus valores. A pornografia está diretamente relacionada com o complexo imaginário social acerca do sexo e das práticas sexuais, tendo em vista que ela acaba por transferir para as imagens diversos aspectos inerentes a essa faceta da cultura de uma sociedade. De tal maneira, os filmes pornográficos acabam por se encontrar inseridos no cotidiano tanto questionando os valores sociais, quanto como veículo de mera repetição e afirmação desses mesmos valores. Como explica Bruno Galera, a pornografia,

(...) cria à sua volta um conjunto de fenômenos culturais de variáveis intensidades. Seja na forma como adolescentes descobrem o sexo (estereotipado) pela primeira vez, seja pela introjeção de modismos [...] este mundo imaginário é o principal sustentáculo da atividade pornográfica. Apesar de possuir a habilidade de erigir um âmbito onde consegue até mesmo modificar comportamentos, o que num primeiro momento poderia ser tido como um arroubo criativo, trata de repetir o que já é há muito tempo parte do status quo, a saber: o falocentrismo das representações sexuais e a decorrente manutenção dos tabus mais antigos da sociedade.^{III}

Exercendo tal papel o pornô, naturalmente acaba por se tornar um produto cultural. Mesmo sendo classificada por muitos como objeto de caráter ofensivo, a pornografia se estabiliza como objeto de consumo visto que, na moderna sociedade do consumo, é perfeitamente plausível ignorar e aspirar tais contra-sensos em nome de um comércio de alta rentabilidade. E, de fato, o pornô em muito colaborou com esse caráter mercantil, tendo em vista, por exemplo, a atribuição ao gênero da responsabilidade pela alavancagem das vendas de aparelhos de videocassete à época da criação desse aparelho. Entretanto, o pornô é um gênero muito peculiar no universo cinema e, portanto, possui uma lógica própria de mercado.

Mesmo havendo uma maior tolerância (que se converte em dinheiro), o produto cultural pornográfico, em hipótese alguma pode abdicar de sua presunção de obscenidade, de seu velamento e de seu caráter maldito. E essa obscenidade não existe em si mesma. Há uma relatividade entre o aceitável e o interdito.

Tratando-se de cinema pornográfico, ou do que quer que represente ou aborde a temática do sexo, parece inevitável que surjam debates acerca da linha que discrimina (em

O CINEMA OBSCENO EM CONFLITO:
A HISTÓRIA DIANTE DAS FONTES DE PORNOGRAFIA E EROTISMO

ÉBANO NUNES

que sentido?) o erótico do pornográfico. Sendo o sexo e a sexualidade assuntos ainda pouco palatáveis ao senso comum, não é de se admirar a inexistência de um consenso quanto aos critérios para definir a qual das vertentes pertence cada manifestação. A que fator poderíamos atribuir essa notável discordância? Tentemos recorrer à origem e à formação de cada uma dessas palavras.

A palavra pornografia provém do vocábulo grego pornographos, que se traduz literalmente como “escrito sobre prostitutas”, aludindo originalmente à descrição do cotidiano das prostitutas e sua clientela. Provavelmente por essa razão, o termo hoje denote nos atuais dicionários e no imaginário popular, uma expressão de libertinagem, devassidão e depravação nas manifestações artísticas. Já o termo erotismo originou-se do adjetivo erótico, derivado do grego Eros, deus do amor e do desejo sexual no sentido mais amplo^{IV}. Nos dicionários podemos nos deparar com definições como paixão fulgurosa, intensa lascívia, amor sensual.

Como se vê, havendo diferenciações de significação devido a interpretações distintas dos termos através dos anos, a apelação à etimologia parece não ser eficiente para explicar as divergências com relação à classificação de uma obra como erótica ou pornográfica. Podemos lançar mão da definição técnica das expressões de cada gênero nas artes, através dos específicos termos hardcore e softcore^V. Segundo Bruno Galera, em reportagem para a revista Zero:

Pode-se estabelecer, numa análise rápida, que o hardcore contém cenas de sexo explícito de todas as formas possíveis (com detalhamento específico de genitálias em ação), enquanto o softcore se limita a apenas incitar o espectador com cenas de atos sexuais “encobertos” (ou simplesmente não-explícitos, velados)^{VI}.

Tal definição parece suficientemente explicativa para que compreendamos as razões para tais discussões. Entretanto, a análise por tal viés, embora bastante elucidativa, cai por terra ao percebermos que, por envolver um aspecto humano (a representação do sexo) devemos considerar muito mais que critérios técnicos. A pornografia, como qualquer outra vertente artística, prescinde de uma investigação que englobe aspectos culturais e sociais. Difícil imaginar que a sociedade de maneira geral, utilizando-se do senso comum considere definições conceituais ou etimológicas na elaboração de seu juízo acerca de questões como a pornografia.

Essa separação entre o erótico e o pornográfico mostra-se mais como uma forma de aceitar a exploração sexual social do que admitir a existência de beleza e arte em algo mais explícito que apenas insinuado. Há, então, uma barreira de natureza moral na compreensão da sociedade sobre o gênero pornográfico. Diz o artista plástico pernambucano Paulo Rafael - comentando a obra de Gil Vicente - que:

O senso comum aponta diferenças entre erotismo e pornografia. Entretanto, quando se procura catalogar tais diferenças, entra-se em um campo subjetivo, pois essas fronteiras dependem do observador ou do contexto cultural e não das características intrínsecas do objeto (erótico ou pornográfico). Afinal, já foi dito que a pornografia é o erotismo dos outros. Erótico e pornográfico não podem ser diferenciados apenas com base em conceitos de explícito e implícito. Assim, em geral procuro evitar o termo erotismo, utilizando apenas o termo pornografia, ampliando seu significado. Pornografia como representação do desejo sexual, uma sexo-grafia ou uma desejo-grafia, na mesma linha de pensamento que conduz a palavras como geografia, litografia e xilografia.^{VII}

O CINEMA OBSCENO EM CONFLITO:
A HISTÓRIA DIANTE DAS FONTES DE PORNOGRAFIA E EROTISMO

ÉBANO NUNES

Percebe-se muito claramente uma concepção de teor bastante negativo quanto à pornografia. A sociedade que, como já afirma Marc Ferro, teme a projeção de suas próprias “realidades” numa tela de cinema, vê na pornografia a representação de alguns de seus maiores tabus. E não bastando exibi-los, o pornô, opondo-se ao erótico, os evidencia de maneira quase que completamente irrestrita.

A pornografia, que tem como principal objetivo a excitação de seus espectadores, tem como outra parte de sua definição a capacidade de impor-se sobre toda a vergonha, de surgir onde não deveria haver nada, de captar ângulos que jamais poderiam ser vistos. E tudo isso que pode ser desnudado, no fim das contas, parece ser um conjunto de eufemismos para as fantasias que a pornografia reproduz de maneira depurada. O cinema pornográfico, de certo modo, acaba por ser uma categoria peculiar de cinema-verdade, focalizado sobre as intimidades da anatomia e o imaginário sexual.

Existindo tamanha preocupação em segregar o erotismo da pornografia talvez a sociedade esteja a procurar por uma legitimação moral de suas fantasias. Assim, a reprovação do pornô não é uma mera censura do registro do ato sexual. Uma notável declaração do crítico Jean-Claude Bernardet, sobre a condenação às pornochanchadas brasileiras, pode explicar:

Não será, sob os nossos ares libertários em matéria de comportamento sexual, um vestígio de puritanismo e uma afirmação de superioridade? [...] Como nos julgamos culturalmente superiores aos fazedores e consumidores de pornochanchadas, como nos julgamos politicamente superiores diante dos fazedores e consumidores do cinema que consideramos “alienado”, também nos julgamos sexualmente superiores.^{VIII}

Um outro obstáculo é que a pornografia (e o cinema pornográfico, por consequência) pode ser definida a partir de aspectos de natureza cultural. Os valores e costumes influenciam diretamente em tal classificação. Um filme considerado pornográfico para uma sociedade pode parecer “apenas” erótico para outra e até mesmo ser visto como “inofensivo” por outras. Tomemos de exemplo *O Último Tango em Paris* (1972) de Bernardo Bertolucci, recomendado para maiores de 15 anos na Suécia e completamente banido na Irlanda até hoje^{IX}. É fundamental levar em conta também a época em que se julga uma obra. O erotismo de hoje pode ter sido o pornográfico de ontem. As cenas das pornochanchadas que despertaram a fúria de grupos conservadores na década de 1970 podem hoje ser vistas em novelas no horário nobre da televisão sem que causem qualquer protesto. Como indica Román Gubern:

A pornografia não é sempre erótica, ou não é sempre erótica para toda a gente. Às vezes, num olhar ou num sorriso há mais erotismo do que numa orgia com 50 pessoas. Acostumamo-nos – por culpa dos poderes públicos, da igreja, da lei, da polícia – a achar que a pornografia é sempre erótica. Por vezes é, outras não. É necessário começar a ver a pornografia como algo complexo, não redutível a clichês estereotipados. A pornografia, entre outras coisas, pode ser uma manifestação do mal-estar social da sexualidade contemporânea.^X

Assim, depara-se com um panorama em que a pornografia é analisada por vezes sob pontos questionáveis. O livre direito de ser espectador, aspecto frequentemente ignorado das discussões acerca do obsceno, perde-se nas confusas vozes de uma sociedade de consumo que reivindica uma democracia que encontre conciliação com os valores morais preponderantes. Visto que a percepção e interpretação são faculdades particulares a cada indivíduo, não há

O CINEMA OBSCENO EM CONFLITO:
A HISTÓRIA DIANTE DAS FONTES DE PORNOGRAFIA E EROTISMO

ÉBANO NUNES

como considerar um conceito geral de pornografia e, logo, o imaginário não pode ser contido ou regulamentado.

Notas

^I Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

^{II} ABREU, 1996, p. 42

^{III} GALERA, 2004, p.15

^{IV} Visto que o senso comum tende a considerar a pornográfico uma suja distorção do erótico, surpreende o fato de que a origem da palavra erotismo sobrevém à gênese do termo pornografia, surgindo apenas entre o final do século XIX e o início do século XX.

^V Numa tradução livre, *hardcore* significa “extremo” ou “explícito”. *Softcore* pode ser entendido como “suave”. Quando utiliza tais termos, Bruno Galera se refere respectivamente ao cinema pornográfico e ao cinema erótico.

^{VI} GALERA, 2004, p.14

^{VII} www.gilvicente.com.br/alheio/texto_paulo.html (acessado em 27/07/2012)

^{VIII} BERNARDET in MANTEGA, 1979, pp. 106-107

^{IX} imdb.com/title/tt0070849/ (acessado em 09/07/2012)

^X <http://lazer.publico.pt/porto2001/entrevistas/entrevista0008.html>. (Em 27/07/2012).

Referências

ABREU, Nuno César. **O Olhar Pornô: A Representação do Obsceno no Cinema e no Vídeo**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ANDRADE, Sebastião Costa. **Desejos Desvelados: erotismo e pornografia numa perspectiva macrossociológica**. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

ARCAND, Bernard. **El Jaguar y el Oso Hormiguero: Antropología de la pornografía**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. “O Obsceno” In: *Senhas*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

BERNARDET, Jean-Claude. **Pornografia, o Sexo dos Outros**, in MANTEGA, Guido (org.), **Sexo e Poder**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

ECO, Umberto. “Como reconhecer um filme pornô” In: *O Segundo Diário Mínimo*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

O CINEMA OBSCENO EM CONFLITO:
A HISTÓRIA DIANTE DAS FONTES DE PORNOGRAFIA E EROTISMO

ÉBANO NUNES

FERRO, Marc. **“O filme: uma contra-análise da sociedade?”** In. FERRO, Marc. *Cinema e história*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

GALERA, Bruno. **Reality Porn: Análise e Crítica da Pornografia de Realidade na Internet**. Monografia de graduação do Departamento de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

_____. **Documentando o Pornô**. Revista Zero nº 13, Editora Escala, 2004.

GERBASE, Carlos. **“Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico com o pornográfico”** In: Revista FAMECOS, vol. 1, nº 31, dezembro de 2006. Disponível em

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3391/2656>, acessado em 31/07/2011.

GUBERN, Román. **Entrevista ao Site Lazer Público**. lazer.publico.pt/porto2001/entrevistas/entrevista0008.html

_____. **La Imagen Pornográfica y Otras Perversiones Ópticas**. Barcelona: Anagrama, 2005.

HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia**. Ed. Hedra, 1999.

RAFAEL, Paulo. Texto sem título disponível em www.gilvicente.com.br/alheio/textopaulo.html

SONTAG, Susan. **“A imaginação pornográfica”** In: *A Vontade Radical*. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.